

CRONICA MENSAL

Segundo uma idéa corrente, a crise actual que o mundo atravessa teria sido exclusivamente provocada pela guerra mundial de 1914-18. Atribuem-se ao tratado de Versalhes tôdas as dificuldades económico-políticas e todos os graves problemas internacionais que nos últimos vinte anos têm feito a perturbação da Europa. Nada mais errado do que estas idéas, infelizmente generalizadas, que reflectem a concepção da história do homem médio actual que se limita a ler o jornal, que ignora certos factos e tem, portanto, das coisas políticas e económicas uma visão deformada e incompleta.

A guerra de 1914-18 é apenas o acontecimento mais saliente da longa cadeia de factos com o mesmo sentido que desde 1880 até hoje se vem continuando e a que costuma chamar-se «o imperialismo».

O último quartel do século XIX, para a Inglaterra, abriu simbolicamente com a proclamação da Rainha Victória como Imperadora da Índia, em 1876, e terminou com a guerra sul-africana (guerra anglo-boer de 1899-1902). Entre 1875 e 1900, o total da área do império britânico foi aumentado em 5.000.000 de milhas quadradas, incluindo uma população de pelo menos 90.000.000. Por outras palavras: no espaço de vinte e cinco anos, a classe dominante da Inglaterra adicionou ao império territórios quarenta vezes maiores do que a Grã-Bretanha, com uma população duas vezes maior, pelo menos. Em 1900, a Grã-Bretanha era o centro de um império dominando mais de 13.000.000 de milhas quadradas de território submetido, habitado aproximadamente por uma população de 370.000.000. Estes factos mostram suficientemente que o período se caracteriza por uma intensa expansão imperialista. (Cfr. Cole e Postgate, *The common people, 1746-1938*, Londres, Methuen & Co. Ltd., 1938, cap. XXXIII.

Mas, estes factos nada têm de «exótico» se nos reportarmos ao ambiente da época e se nos lembrarmos que isto se passou no período da partilha do continente africano entre os Estados europeus, da luta dos imperialismos na África e no Extremo-Oriente e dos numerosos «investimentos» (investimentos de capital em empresas) em áreas politicamente anexas aos vários impérios e em países como a China e as Repúblicas sul-americanas, que sem anexação política giravam todavia na órbita da influência económica, das principais potências industriais.

Entre 1884 e 1900, a França anexou 3.500.000 milhas quadradas de território—não contando com a vasta área do Sahara—, com cerca de 40.000.000 de habitantes. A Alemanha, sob o novo Império, obteve 1.000.000 de milhas quadradas e 17.000.000 de habitantes, principalmente em África. A Bélgica, no Congo, conseguiu cerca de 1.000.000 de milhas quadradas e 30.000.000 de habitantes. Portugal acrescentou às suas possessões africanas 800.000 milhas quadradas e 3.000.000 de habitantes. A Rússia tomou conta da Sibéria, submeteu Bokhara, Khiva e outros Estados asiáticos e procedeu à ocupação militar da Mandchúria. Até os Estados-Unidos, como consequência da guerra espano-americana de 1898, se transformaram por volta de 1900 numa potência imperialista, detendo Porto-Rico, Cuba e as Filipinas, controlando o Mar Caribeu e contendendo com os países europeus quanto a esferas de influência e penetração económica na China e na América latina.

A guerra de 1914-18 é a projecção trágica destes acontecimentos na vida europeia no começo do século. Ela continua no mesmo ritmo e apenas de maneira catastrófica o processo de

desenvolvimento do imperialismo. Não é um facto isolado que possa explicar-se por motivos particulares e locais, independentemente do quadro geral das forças históricas da época.

A guerra de 1914-18 foi o resultado inevitável, fatal, da concorrência dos imperialismos, que não podiam encontrar outra solução para os seus conflitos. A força irresistível da concentração e acumulação capitalista e a conseqüente dinâmica da procura de novos lucros por parte dos grupos antagonicos—tornaram-na fatal. A produção alemã do ferro e do aço estava próspera e a da Inglaterra em decadência; a Inglaterra detinha a maioria das possessões coloniais e a Alemanha com um mais rápido desenvolvimento capitalista era a última neste capitulo.

A guerra veio. Os povos lutaram pela «liberdade» do lado dos aliados e pela «honra alemã» do lado da Alemanha. E com ela veio o movimento de Outubro e uma nova disposição das forças imperialistas, caracterizada pelo esmagamento económico da Alemanha.

¿O que foram os últimos 21 anos de paz? Limite-me a recordar factos, que os leitores com certeza conhecem, melhor ou pior, e a que voltarei a referir-me sempre que venha a-propósito em futuras crónicas.

Na Europa, registam-se os seguintes «pequenos conflitos»: em 1919, intervenção dos aliados, da Tchecoslováquia e Romênia contra a república soviética da Hungria e tomada de Fiume pelos voluntários italianos conduzidos por Gabriel D'Annunzio; em 1920, ocupação de Frankfurt e Darmstadt por tropas francezas e ocupação de Vilno pela Polónia; em 1921, insurreição polaca na antiga Alta Silésia, alemã; em 1923, ocupação do Rhur pela França, ocupação da região de Memel pela Lituânia, e ocupação temporária do Corfu pela Itália; em 1925, invasão da Bulgária pela Grécia; em 1936-38, Anschluss; etc. até 1 de Setembro deste ano.

Mas, estes factos não são isolados. Veremos próximamente que se deram com as mesmas características em tôdas as partes do mundo.

A conflagração actual encontra as suas causas na crise do capitalismo imperialista abertamente declarada em 1929, e agravada em 1937. Por isso também não é novidade para ninguém que esta segunda grande guerra era inevitável. Do que alguns se não aperceberão com tanta facilidade, é do seu carácter decisivo. Outras realidades existem hoje, desconhecidas em 1914. E não são, positivamente, as minas magnéticas...

As negociações russo-finlandesas foram interrompidas. Que irá passar-se depois disto? Aguardemos o desenrolar dos factos, certos todavia de que a Rússia não procura aventuras, mas vantagens e de que não pode duvidar-se de que conhece a maneira de as conseguir.

Perante a Guerra actual, os reformistas de todo o mundo mantiveram as suas melhores tradições de 1914... Atlee e Blum, Paul Faure e Morrisson, Jouaux e Walter Citrine, souberam na hora grave, estar ao lado da sua burguesia, na defesa dos respectivos interesses imperialistas. As atitudes que tomaram têm o condão de já não iludir os mais avisados. O ciclo das transigências, das hesitações e das traições (ver E. Varga, «Les partis social-democrates, leur rôle dans le mouvement ouvrier international», Paris, 1926)—fechou-se com absoluta nitidez nestes primeiros dois mezes e meio de Guerra. Só quem não abrir bem os olhos é que não vê.

RODRIGO SOARES

(Continuação da página anterior)

res parece-me preferível a segunda asserção, visto que a criança salta, brinca, corre e joga voluntariamente e, implicitamente, desenvolve-se. Na vida prática serão as ca-

minhadas ou marchas em forma as melhores atitudes, e as mais necessárias?

A gymnástica sueca cuidadosamente aplicada, com o fim de corrigir as atitudes viciosas a que o ensino de car-

teira conduz é aceitável e necessária. Mas pouco intensiva e demorada, para que os educandos não a aceitem como um pesado sacrificio, sacrificio bem revelado no ar contracto dos seus rostos e nos

becejos frequentes com que justificadamente aborrecem os despóticos instrutores.

Os jogos, os passeios em grupos, livremente, que beleza espiritual contêm!

MA'RIO FRAZAO